



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,
ribeirinhos e desigualdades**

LUTAS E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS NA ALDEIA MULTIÉTNICA FILHOS DESTA TERRA, METRÓPOLE DE SÃO PAULO

DANIELA DOS REIS CHAGAS¹

RESUMO

O trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa maior intitulada Terra, Substantivo Feminista e deseja apresentar o histórico, as lutas, desafios e potencialidades da Aldeia Multiétnica Filhos desta Terra, localizada em Guarulhos, grande São Paulo.

Palavras chaves: Povos originários, decolonialismo, questão urbana.

ABSTRACT

The presented work is an excerpt from a larger research entitled *Land, Feminist Noun* and aims to present the history, struggles, challenges, and potential of the Multiethnic Village *Children of This Land*, located in Guarulhos, Greater São Paulo.

Keywords: Indigenous peoples, decolonialism, urban issues.

Introdução

A presente pesquisa deseja provocar uma maior aproximação entre questão urbana e as populações indígenas. Refletir sobre cidade, planejamento urbano e participação popular deve nos levar a considerar a diversidade étnico-racial na produção do espaço urbano.

Embora questões urbanas pareçam distantes de pautas como reforma agrária, lutas sociais de comunidades tradicionais, do campesinato, das populações quilombolas e dos povos indígenas, todos estes lugares e sujeitos sofrem os impactos da reprodução das relações sociais capitalistas e suas consequências devastadoras. E ainda que estas consequências manifestem-se

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de formas diferenciadas, num desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, os conflitos e alternativas de organização da classe trabalhadora e dos múltiplos povos dialogam e se aproximam. Articuladamente, se tencionam produzindo as fricções da política. Por isto, se faz importante conhecer para uma leitura mais ampla da realidade e identificar nos mais diversos espaços sociais, quais as ameaças prementes e em que elas reverberam, e são reverberadas e transformadas, em determinados lugares, na busca pela totalidade.

Isto é, os conflitos das usinas canaveiras que ameaçam comunidades no agreste Pernambuco, na Região da Mata Sul, ou as ameaças do garimpo na terra indígena Raposa Serra do Sol, por exemplo, embora estejam distantes dos olhares urbanos, são faces da mesma moeda de um Estado à serviço do mercado (do agronegócio e do neoextrativismo) e que nas metrópoles expressa sua desigualdade pela precarização das condições de vida da população periférica, de famílias e comunidades despejadas de ocupações, ou pessoas em situação de rua.

Ambos os contextos são reflexos de uma política de extermínio e de uma formação sócio-histórica marcada pela escravidão, pelo autoritarismo, pela autocracia e usurpação de terras. Inclusive, o trabalhador do campo pode ser o mesmo sujeito da cidade, que ao fugir (ou ser expropriado/proletarizado) das condições de opressão no seu lugar de origem, migra para o espaço urbano, enfrentando outras tantas dificuldades e vivenciando a privação do urbano a partir da segregação.

Sobre esta relação entre campo e cidade, Prieto discorre

A grilagem de terra no Brasil prolonga-se no século XXI se revelando como um negócio lucrativo, um investimento que dá certo e um crime que compensa. Evidencia, simultaneamente, a corrupção sistêmica do Estado brasileiro e o poder dos latifundiários na política nacional e demonstra ainda que a questão agrária é um processo que atravessa a forma “campo”/“rural” e é também um conteúdo da sociedade urbana. (PRIETO, 2020, p.157)

A decisão de abordar a Aldeia Multiétnica Filhos desta terra, em meio a outras presenças indígenas na grande São Paulo, surgiu pelo interesse em ir além dos limites acadêmicos. Ou seja, objetiva-se contribuir de alguma forma com essa comunidade, recente em existência, mas tão significativa para o movimento dos povos indígenas que vivem em contexto urbano, no espaço-tempo da metrópole.

Inicialmente, a proposta seria construir um registro histórico, que pudesse ser utilizado pelos próprios moradores e/ou disponibilizado à Pastoral Indigenista e equipe do Conselho



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Indigenista Missionário - CIMI São Paulo para seu acervo documental. Entretanto, com base na proposta metodológica escolhida de construção de uma pesquisa participativa e valorizando as epistemologias indígenas, o próprio projeto de pesquisa teve o olhar de uma liderança, Vanuza Kaimbé. Vanuza provocou-me a fazer um estudo com foco na questão de gênero, para que as mulheres da aldeia pudessem ser ouvidas e reconhecidas em seu importante papel na retomada e na consolidação da Aldeia Multiétnica.

Este recorte foi fundamental para analisar outro elemento importante nas discussões sobre cidade e participação popular: a interseccionalidade. Pode-se constatar que, ao se pensar em questão urbana, etnia e gênero, encontramos desigualdades dentro das desigualdades, e que, contudo, há também uma potência de resistência que deve ser evidenciada. No que tange às mulheres indígenas, existe uma concepção muito própria de luta feminista, que perpassa direitos individuais e abraça a luta pelo território e pela defesa da mãe terra.

Essa pesquisa, portanto, não se reduziu a um resgate histórico, como fora pensado inicialmente, mas é um documento que registra os saberes e vivências de mulheres, no cotidiano da vida numa aldeia, e que pode ser “inspiração” para pensar a cidade de uma outra perspectiva.

1– A luta dos povos originários por outra sociedade possível: conceitos ameríndios anticapitalistas, decoloniais e antipatriarcais

Os indígenas, em suas plurais concepções de mundo, carregam noções e formas diferenciadas de se relacionar consigo, com os outros e a natureza. É fundamental compreender a diversidade dos povos originários, que por muito tempo foram denominados “índios”, de modo a apagar a historicidade presente em cada povo e a generalizá-los, ignorando e massacrando a riqueza étnica desta diversidade.

Contudo, há um elemento em comum entre os diversos povos que existem, se recriam e resistem no país, no continente e em outras partes do mundo. A sacralidade da terra é a centralidade das lutas indígenas e é o que une povos dos mais diversos territórios e características étnicas.

O modo de ser e de estar no mundo dos povos originários se contrapõem ao modo capitalista de produção, que tem em sua base a propriedade privada e acumulação dos meios de produção. Não é possível explorar aquilo que é sagrado e que respira e pensa. Nos termos de

Davi Kopenawa, xamã e diplomata Yanomami: “Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira” (2015, pág. 468)

Com a iminente finitude dos recursos naturais e com o fracasso do projeto de acumulação e produção de riquezas “inesgotáveis”, o modo capitalista de produção vem se apresentando com uma nova “roupagem”, produzindo um léxico instrumentalizador da natureza, tais como sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, créditos florestais e responsabilidade ambiental. Porém, o capitalismo verde não se aproxima ou dialoga com a cosmopolítica dos povos originários. Pelo contrário, é a expressão concreta da natureza como fonte de especulação.

Por outro lado, o pensamento de Marx também sofre críticas de uma linha de pensadores socialistas ligados à ecologia, que defendem que o pensamento marxiano, em suas considerações teóricas, embasava-se na ideia da dominação do homem sobre a natureza, o desenvolvimento desenfreado das forças produtivas como narrativa central do progresso e ignorava o caráter destrutivo do consumo em massas, da industrialização e das tecnologias.

Tais críticas, contudo, vêm sendo contestadas e estudos recentes têm feito uma releitura das obras de Marx e Engels, identificado assim elementos em seus escritos que podem ser compreendidos numa outra perspectiva. Defende-se que Marx apresenta em sua análise crítica à degradação ambiental como uma das tantas manifestações contraditórias do sistema capitalista.

Saito resgata o conceito filosófico de “metabolismo” utilizado por Marx, e afirma este tornou-se ciente de que a interação metabólica acontece dentro da História e da transitoriedade, e ainda que “a análise de Marx visa revelar os limites da apropriação da natureza pela subsunção ao capital” (p. 91,2019).

Pesquisadores vêm buscando uma aproximação entre o pensamento de Marx e os pensamentos ameríndios. Prieto (no prelo) confronta as mitológicas capitalistas com as ontologias ameríndias, apresentando o conceito de “floresta social em progressivo processo de destruição”, relacionando os pensamentos escatológicos dos povos indígenas da floresta com o fetichismo capitalista e apresenta a incompatibilidade entre o pensamento capitalista neoliberal, que “coisifica” as pessoas e personaliza mercadorias e o pensamento indígena, que se relaciona com tudo e todos parte de um todo.

No mesmo intento de aproximar as cosmologias ameríndias do pensamento de Karl Marx, Tible (2013) identifica “pontos de contato” entre as ideias marxistas e o pensamento de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert.

É importante enfatizar que conhecer os pensamentos e a luta de Davi Kopenawa Yanomami é fundamental para compreender a centralidade da questão indígena na Amazônia, no Brasil e no mundo. Kopenawa argumenta

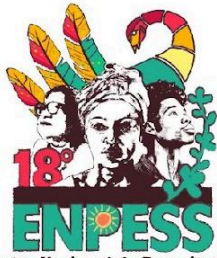
Pelo comprometimento de sua luta contra o garimpo e o avanço do dito “desenvolvimento” no território de seu povo dialoga (e muito) com a base do pensamento socialista, que critica a acumulação de riqueza, a expropriação indígena e a exploração dos trabalhadores. Entretanto, a perspectiva dos povos de Abya Yala mira a natureza para além de uma “fonte” de riquezas, mas como vida, numa relação cosmopolítica que não deve ser minimizada.

Esta visão metafísica da natureza e do que denominamos *modernamente* de meio ambiente também é uma característica marcante dos povos indígenas do Nordeste, ainda que estes vivam em contexto social e geográfico diverso dos povos amazônicos. Apresentam em suas cosmovisões aspectos interessantes que dialogam com a luta do campesinato, já que o processo histórico que vivenciaram, bem como as características territoriais, trazem fortes marcas da colonização do poder dos latifundiários no domínio da terra e da grilagem como fundamento da expropriação, esbulho e invasão de seus territórios originários.

No contexto de continente latino-americano, vários povos apresentam em suas cosmopolíticas modelos alternativos de organização econômica e social e formas de enfrentamento à dominação capitalista neoliberal.

O capitalismo neoliberal não dialoga com as ontologias originárias, tampouco os pensamentos coloniais e patriarcais estruturados pela sociedade eurocêntrica podem ser referenciais próximos das epistemologias indígenas.

Ao longo dos anos, pensadores e pensadoras dos países do Sul vem buscando romper o conhecimento hegemônico e elaborando seu próprio conhecimento, com base na História e realidade dos povos latino-americanos. Quijano foi um desses pensadores que junto à crítica capitalista, apresenta como esse sistema está interligado à colonialidade e ao poder eurocêntrico e como se manifesta no contexto ameríndio. O autor traz o conceito da divisão racial do trabalho e como se construiu a categorização das raças, superando os conceitos geográficos.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Já Lugones propõe um aprofundamento das ideias de poder e colonialidade, pois compreende que Quijano não chegou ao cerne das questões sobre gênero e sexualidade a partir da noção da modernidade eurocêntrica. Defende a necessidade de também estes conceitos serem revistos numa perspectiva decolonial, desconstruindo a universalização do feminismo

No berço das comunidades andinas, mais precisamente na Bolívia, nasce uma proposta de feminismo decolonial. Paredes defende que o feminismo latino-americano e caribenho, formado por militantes, ex-guerrilheiras, fundadoras de ONGs críticas, sofreu um processo de institucionalização ao negociarem lobbys políticos.

Diante disto, surgiu o movimento de feminista autônomo, que, segundo a autora, não foi “fundada” por uma mulher. Foram movimentos paralelos, em diversas realidades, que organizaram-se para construir um processo emancipatório. Dentre estes, surge o Feminismo Comunitário de Abya Yala, no ano de 2003, que tem como base conceitual a despatriarcalização.

Elisa Urbano, pesquisadora Pankararu, apresenta sua visão sobre o conceito de feminismo indígena, enquanto movimento de enfrentamento às desigualdades sociais entre homens e mulheres, provenientes do patriarcado trazido pelos colonizadores

As mulheres indígenas daquilo que se denominou de Brasil traduzem suas concepções de feminismo resgatando os conceitos ancestrais de seus povos e ressignificando-os a partir de suas experiências de mulheres que sofreram com o processo de colonização do país, como veremos nos capítulos à frente.

2- Movimento Indígena em Guarulhos, a luta pela Retomada Territorial e o surgimento da Aldeia Multiétnica Filhos desta terra

Atualmente vivem no município de Guarulhos, indígenas dos povos Pankararé, Pankararu, Wassu Cocal, Tupi, Kaimbé, Guarani Nhandeva, Geripanko, Guajajara, Xavante, Pataxó Hã Hã Hãe, Kariri Xocó, Tupinambá de Olivença, Xucuru, Fulni-ô, Terena, Tabajara, Kariri-xocó e Truká. É a segunda cidade do Estado com maior número de indígenas.

Nenhum dos povos presentes hoje em Guarulhos são do próprio município. Porém, a cidade em sua gênese tem uma profunda relação com as populações originárias, pois, na segunda metade do século XVI, os jesuítas criaram na região um aldeamento, trazendo consigo os povos Maromomi, que, em 1640, após a expulsão dos jesuítas, deixaram em massa o território

e partiram para a região de Atibaia. A partir de então, passaram a ser chamado de Guarulhos, conforme explica Prezia (2004).

A chegada dos povos hoje presentes, se deu em meados da década de 1950. Assim como em outras regiões, a maioria deles são pertencentes aos estados do Nordeste e vieram no período de forte fluxo migratório para o Sudeste. A partir de 2002, com a chegada de Gilberto Awa Tupi, as lideranças dos diversos povos passaram a ser organizar enquanto movimento, para reivindicar seus direitos básicos, como saúde, educação, moradia.

Em 2008, aconteceu em Guarulhos o primeiro encontro dos povos indígenas em Guarulhos. E foi entregue um documento aos governos federal, estadual e municipal, solicitando ao poder público a concessão de uma área onde as populações indígenas de Guarulhos pudessem residir e construir um espaço de preservação e divulgação de cultura, sendo esta estratégia de geração de renda às famílias indígenas das várias etnias. Em 2009, foi criada a Associação Arte Nativa, com o objetivo de melhor representar o movimento indígena na cidade. Neste mesmo ano, a Prefeitura de Guarulhos decretou a Portaria 1402/2009 – GP, que instituiu um grupo de trabalho permanente.

Já em 2016, outra conquista do movimento indígena do município foi o decreto da Portaria 001/2016, que tornou a UBS Soberana como Unidade de Referência para Atenção à Saúde das Populações Indígenas.

No ano seguinte, com a nova gestão municipal, as lideranças indígenas participaram de uma Reunião para tratar da demanda da Aldeia Multiétnica. Em menos de 30 dias deste encontro, a prefeitura comunicou que identificaram duas áreas possíveis. Posteriormente, verificou-se que uma das áreas tratava-se de Área de Proteção Ambiental, não sendo possível viabilizar o projeto inicial. Entretanto, a segunda área é visitada pelo poder público conjuntamente com as lideranças indígenas e é aprovada. Esta viria a ser a área da retomada.

A Prefeitura então elabora um projeto denominado “Terra sagrada”, que possuía três áreas: i) habitação, com a proposta da construção de 50 unidades habitacionais; ii) sustentabilidade, que previa alternativas de convivência e de preservação social, cultural, tradicional, econômica e ambiental dos indígenas e por fim, iii) proteção integral, com a construção de equipamentos de saúde, assistência social e educação.

Contudo, o projeto não foi à frente, levando o movimento indígena de Guarulhos a realizar a ocupação na área prometida. Assim, em 2017, após reuniões de articulação e planejamento, os primeiros indígenas passaram a viver nesta região do bairro de Cabuçu, consolidando a retomada que tornou-se uma aldeia multiétnica nomeada “Filhos desta Terra”.

O nascimento da Aldeia Multiétnica Filhos desta Terra ocorreu no dia 27 de outubro de 2017, numa tarde de sexta-feira, com a chegada de representações de vários povos do movimento indígena do município.

O ato de retomar politicamente o território foi um grande marco para o movimento indígena do município e da metrópole de São Paulo e por isto, é recordado com muitos detalhes pelos seus fundadores e fundadoras.

Não se trata apenas de ocupar um espaço pelo direito à moradia, contra a especulação imobiliária e pela função social da propriedade, embora esta luta perpassasse estas pautas. Todavia, a retomada territorial dos povos indígenas de Guarulhos tem uma dimensão que envolve a cosmovisão indígena que concebe o espaço a ser ocupado como sagrado, numa relação não de domínio e exploração, mas de apropriação à natureza que os recebe.

Durante estes anos de existência, os moradores da Aldeia Multiétnica “Filhos desta Terra” conseguiram levar estrutura básica ao lugar, como água encanada e energia elétrica. Mas vale ressaltar que o acesso a estes recursos básicos não foi fácil. Um dos grandes desafios enfrentados foi no que tange à contaminação do solo. Por ter sido um aterro sanitário e um local de criação de porcos, a área foi profundamente afetada. Assim como as condições do solo, o acesso a água potável e ao saneamento básico também eram precários. Alguns meses após a retomada, os próprios moradores criaram um sistema próprio de ligação de água.

Em 2019, a Prefeitura Municipal de Guarulhos reconheceu a Unidade Básica de Saúde Cabuçu como referência de Saúde Indígena, conforme Portaria 137/2019. Assim como a UBS Soberana, estas Unidades de referência passam a realizar o atendimento diferenciado às populações indígenas, considerando suas especificidades culturais.

Atualmente, quatro anos depois da chegada dos indígenas no território, estes permanecem reivindicando ao poder público a garantia de seus direitos, como saúde especializada, educação e renda.

Em abril de 2021, um incêndio criminoso destruiu a Casa de Reza da Aldeia Multiétnica Filhos desta Terra, causando grande insegurança e medo aos moradores do lugar. O crime provocou a organização dos indígenas para a construção de um novo espaço. Os recursos arrecadados auxiliaram na reconstrução da Casa de Reza e divulgação das culturas dos povos que compõe a aldeia.

Além da reconstrução da oca, mulheres e homens moradores da aldeia buscam estratégias de tensionamento para pressionar o poder público a atender suas demandas. Um exemplo é criação de um centro de educação, idealizado pelas mulheres indígenas com o apoio de professores interessados em apoiar os povos indígenas do município.

Os povos originários, resistindo às políticas indigenistas integracionistas, permanecem reafirmando suas existências plurais. Contra o imaginário construído do “índio genérico”, cada povo busca preservar e resgatar os saberes ancestrais de sua etnia.

Viveiros de Castro (2005, p.04) apresenta a mudança no projeto emancipatório do indígena, ocorrida após a Constituição Federal de 1988. Se antes o objetivo era individualizar o indígena, com a Constituição, passou-se a concebê-lo como sujeito coletivo, como comunidade: *consagrou-se o princípio de que as comunidades indígenas constituem-se em sujeitos coletivos de direitos coletivos. O “índio” deu lugar à “comunidade” (um dia vamos chegar ao “povo” – quem sabe).*

A organização política dos movimentos indígenas foi uma destas estratégias utilizadas pelos indígenas residentes no município de Guarulhos. Em sua multiplicidade de povos, decidiram lutar por uma pauta comum: o acesso aos seus direitos básicos e ao direito de ser indígena. Esta luta por visibilidade e pela garantia de direitos gerou um modelo de organização interétnica diferenciado entre as populações originárias em contexto urbano. A idealização de um espaço em que as diferentes etnias pudessem conviver, preservando suas culturas, contribuindo com a preservação e educação ambiental e garantindo renda e subsistência às famílias indígenas tornou-se um projeto concreto e viabilizado a partir dos diferentes saberes.

Considerações finais

A organização coletiva em vista do bem comum, tanto nas tarefas cotidianas da aldeia, nos mutirões e na roça, quanto nas ações políticas as quais estão inseridas, expressa a potência mobilizadora dos povos originários e ensina à sociedade não indígena caminhos de resistência frente às ameaças do Estado Neoliberal.

A luta pelo direito à cidade, em sua proposta de pensar uma metrópole como espaço democrático, planejado de forma participativa e democrática, só tende a fortalecer-se dando visibilidade às populações indígenas que vivem em contexto urbano, que lutam cotidianamente pela sobrevivência e preservação de suas culturas.

A iniciativa de um grupo de indígenas que decide retomar um território outrora visto como local de descarte de resíduos, para recuperar um espaço onde pudessem viver suas culturas e tradições é um ato de insurgência diante da imposição de um modelo de vida massificador, baseado na supervalorização do indivíduo e no consumismo desenfreado. Destaca-se neste contexto o lugar das mulheres, que não apenas exerceram as atividades socialmente atribuídas à pessoas do gênero feminino, como cozinhar, organizar o ambiente, cuidar dos mais velhos, mas participaram ativamente do próprio movimento indígena e dos processos decisórios até a realização da ocupação da terra sagrada.

Por fim, constatou-se ainda que é escassa a produção acadêmica sobre a Aldeia Multiétnica filhos desta terra, o que instiga a seguir outros percursos de pesquisa que contribuam com as moradoras e moradores deste espaço de luta e resistência.

ACOSTA, A. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALBUQUERQUE, Marcos A. S. 2011. O regime imagético Pankararu: tradução intercultural na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado, PPGAS, UFSC

ALBUQUERQUE, Marcos A.S. São Paulo: a terceira margem Pankararu (Documentário). Youtube, 2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Davq0ZJC39k>> . Acesso em: 30/09/2021.

ALMEIDA, Luiz Sávio de; Galindo, Marcos; Silva, Edson (editores). 1999. *Índios do Nordeste: temas e problemas 3*. Maceió: EDUFAL.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ARAUJO, M. R. A. ; TAVARES, M. S. ; SOUZA, V. R. F. P. E. ; BEZERRA, D. O. . Saúde sexual e reprodutiva na etnia Xukuru do Ororubá: diga às mulheres que avancem. Saúde em Debate , v. 44, p. 193-204, 2020.

ARRUTI, José Maurício. Pankararu. Disponível em:
<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankararu>> . Acesso em 01/10/2021.

ATIÃ, Pankararu. A Mãe terra dá tudo para nós. Memória da Mãe Terra. ONG Thydêwá, 2014.

A Última floresta. Direção de Luiz Bolognese. Brasil: Gullane Filmes, 2021.

BAETA, Alenice. Indígenas na cidade: memórias 'esquecidas' e direitos violados. Disponível em:
<https://www.ecodebate.com.br/2021/04/27/indigenas-nas-cidades-memorias-esquecidas-e-direitos-violados/> . Acesso em 01/11/2021

BARRETO, Nanda. Marcados para morrer: invasores sobem tom de ameaça ao povo Pankararu. Disponível em:
<<https://cimi.org.br/2020/08/marcados-para-morrer-invasores-sobem-tom-de-ameaca-ao-povo-pankararu/>>. Acesso em 27/08/2021.

BATALHA, Valmir dos Santos. Os rituais Pankararu: memória e resistência. Orientadora Dra. Dorothea Voegeli Passeti. 2017. 159 p. Tese de Doutorado. Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

BRASIL. Relatório da Comissão de Investigação do Ministério do Interior. (Relatório Figueiredo). Brasília, 1967.

BRIGHENTI, Clovis Antonio (Org), HECK, Egon Dionísio (Org). O Movimento Indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo (1974-1988). Foz do Iguaçu: Edunila, 2021. PDF (266 p.)

CARVALHO, Camila Mazzotto. As multifaces da ocupação indígena em Guarulhos. 04 de dezembro de 2019. Disponível em:<
<https://medium.com/@dasnarrativas/aldeia-ind%C3%ADgena-filhos-desta-terra-a89102d394d4>>. Acesso em 01/10/2021.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

CHAGAS, Daniela dos Reis. Terra, substantivo feminista: Lutas e resistências na Aldeia Multiétnica de Guarulhos. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2021.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Juventudes indígenas: contextos de luta e resistência. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5um7VK9N2FE&t=3605s>> , acesso em 20/11/2021.

Diário Oficial do Município de Guarulhos. 08 de Janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.guarulhos.sp.gov.br/uploads/pdf/1703097866.pdf>> , acesso em 29/11/2021.

FARIA, Camila Salles de. A luta Guarani pela terra na metrópole paulistana: contradições entre a propriedade privada capitalista e a apropriação indígena. Orientador: Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. 2015. 329 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Geografia. São Paulo, 2015.

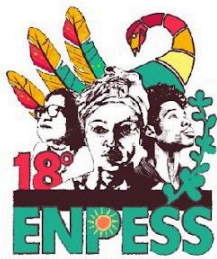
FUHRMANN, Leonardo. Mapa das Terras dos Parlamentares mostra que eles acumulam fazendas na Amazônia e no Matopiba. Disponível em: < <https://deolhonosruralistas.com.br/2019/05/12/mapa-das-terras-dos-parlamentares-mostra-que-congressistas-acumulam-fazendas-na-amazonia-e-no-matopiba/>> , acesso em 29/11/2021.

Incêndio Criminoso destrói construções tradicionais na Aldeia Multiétnica Filhos da Terra, em Guarulhos (SP). 06 de abril de 2021. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2021/04/incendio-aldeia-multietnica-guarulhos/>> . Acesso em: 20/11/2021.

Índios Pankararu da comunidade Real Parque. Disponível em: https://www.womex.com/virtual/selo_mundo_melhor/indios_pankararu_da/indios_pankararu_da/imagem/19536>. acesso em 21/11/2021

JOB IMAGENS. Menino do Rancho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bxgfVklCsVs&t=182s>>, acesso em 02/11/2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

KUARAY WERA, Awa. Fundação Aldeia Multiétnica Filhos desta Terra. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z8kD7j0v2L8>>, acesso em 20/09/2021.

LACERDA, Marina Basso. "As mulheres no Brasil Colonial". Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. 2014. Revista de Estudos Feministas. P.935-952, setembro/dezembro.2014.

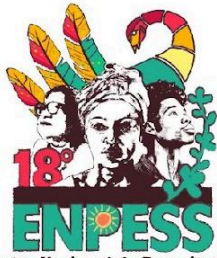
Mais uma UBS de Guarulhos passa a ser referência aos povos indígenas. 09 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.guarulhos.sp.gov.br/article/mais-uma-ubs-de-guarulhos-passa-ser-referencia-aos-povos-indigenas>>. Acesso em 20/11/2021.

MELIÀ, B. e OUTROS, A conversão dos cativos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2004, p. 91.

MINDÉLO, Olívia. "A natureza não vive bem sem nós, é um grande equívoco". 17 de junho de 2021. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/ra-natureza-nao-vive-bem-sem-nos--e-um-grande-equivoco>>. Acesso em 09/11/2021

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

NEVES, Rita de Cássia Maria. Dramas e performances: o processo de reelaboração étnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos. Orientador: Esther Jean Langdon. 2005. 251 p. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

PACHECO DE OLIVEIRA, J. (org.). *A Viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. 2ª. ed. (revista e atualizada). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2004. 361 p.

PAPPIANI, Angela. Trincheiras indígenas: os Pankararu na favela paulista. 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/trincheiras-indigenas-os-pankararu-na-favela-paulista/> acesso em 21/11/2021

PAREDES, Julieta. El desafío de la despatriarcalización. Entramado para la Liberación de los pueblos. Moreno Artes Gráficas, Bolívia, 2016, 104 p.

PAULO, Paula Paiva. Aldeia Indígena em Guarulhos tem ocas usadas como “casas de reza” incendiadas. 06 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/06/aldeia-indigena-em-guarulhos-tem-ocas-usadas-como-casas-de-reza-incendiadas.ghtml>. Acesso 20/11/2021.

PEREIRA, Levi Marques. A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. Universidade Federal da Grande Dourados. 2014. <https://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt21-1/8809-a-atuacao-do-orgao-indigenista-oficial-brasileiro-e-a-producao-do-cenario-multietnico-da-reserva-indigena-de-dourados-ms/file>

PRIETO, Gustavo. A floresta social: ontologias ameríndias, fim da história e virada espacial. No prelo

PRIETO, Gustavo. Nacional por usurpação: a grilagem de terras como fundamento da formação territorial brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.). *A grilagem de terras na formação territorial brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. Cap. 4, p. 131-178.

RAMOS, Elisa Urbano. Mulheres e lideranças indígenas em Pernambuco: espaço de poder onde acontece a equidade de gênero. 2019. 100 p. Dissertação de Mestrado em Antraopologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

REBUZZI, Daniele da Costa. Aldeia Maracanã: um movimento contra o índio arquivado. Revista de Antropologia da UFSCAR, 6 (2) Jul/Dez de 2014.

http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/03/05_rauAO06203.pdf

Retomada da Terra Sagrada. Jornalistas livres, 29/10/2017. Disponível em <https://jornalistaslivres.org/retomada-da-terra-sagrada-1/>, acesso em 20/11/201.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e do terceiro mundo. 1996. Revista Estudos Teológicos - EST. São Leopoldo, v. 36, p.129-139, jul./dez. 1996. Semestral.

SAITO, Kohei. O Ecosocialismo de Karl Marx. Boitempo Editorial, 2019.

SANSÃO, Luiza. Por que o prefeito indígena eleito em Pernambuco não toma posse?. 24 de junho de 2021. Disponível em:

<https://deolhonosruralistas.com.br/2021/06/24/por-que-o-prefeito-indigena-eleito-em-pernambuco-nao-toma-posse/>. Acesso em 09/11/2021.

SILVA, Orlando Sampaio. Eduardo Galvão: índios e caboclos. São Paulo: Annablume, 2007, 418p.

SILVA, Orlando Sampaio. Outras dimensões dos Pankarú de Pernambuco – uma situação de contato interétnico. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC. Ano XV, n. 16. Florianópolis, p.3-23.*

SILVA, Whodson. “A NATUREZA MUITO NOS ENSINA E A LUTA TAMBÉM”: Uma Análise Organizacional a partir das Assembleias do Povo Indígena Xucuru de Ororubá. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, maio de 2018. ISSN 2446-6972. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230076>. Acesso em: 29/11/2021.

SOARES, Renato. Pankararu e os Encantados do Sertão. 24 de dezembro de 2020. Disponível em <https://conexoplaneta.com.br/blog/pankararu-e-os-encantados-do-sertao/> acesso em 21/11/2021.

SOUZA, Emerson de Oliveira. Povos Indígenas na Metrópole: movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América. Orientador: Sztutman, Renato. 2021. 359 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) São Paulo, 2021.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

TIBLÉ, Jean. Cosmologias contra o capitalismo: Karl Marx e Davi Kopenawa. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 5, n. 2, p. 46-55, 2013.

VALENTE, Rubens. Os fuzis e as flechas. História de sangue e resistência na ditadura. Coleção Arquivos da Repressão no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. *Povos Indígenas no Brasil (2001/2005)*, p. 41-9, 2006. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf. Acesso em: 18 nov. 2017.